

1

«Que Êxtase Absoluto»:

Estar Apaixonado

The world, for me, and all the world can hold
Is circled by your arms; for me there lies,
Within the lights and shadows of your eyes,
The only beauty that is never old.*

James Weldon Johnson

«Beauty That Is Never Old»

«Chamas percorrem o meu corpo — a dor de te amar. A dor percorre o meu corpo com as chamas do meu amor por ti. A náusea erra pelo meu corpo com o meu amor por ti. Dor como um abcesso prestes a rebentar com o meu amor por ti. Consumido pelas chamas com o meu amor por ti. Recordo o que me disseste. Penso no teu amor por mim. Sou dilacerado pelo teu amor por mim. Dor e mais dor. Para onde vais com o meu amor? Dizem-me que te vais daqui. Dizem-me que me deixarás aqui. O meu corpo está tolhido de mágoa. Lembra-te do que eu disse, meu amor. Adeus, meu amor, adeus¹». Assim falou um índio *kwakiutl* anónimo do Sul do Alasca, neste comovente poema transcrito da língua nativa em 1896.

Quantos homens e mulheres se amaram em todas as épocas que o precederam a si e a mim? Quantos dos seus sonhos se realizaram? Quantas

* O mundo, para mim, e tudo o que nele cabe / Está cercado pelos teus braços; para mim repouso, / Nas luzes e sombras dos teus olhos, / A única beleza que nunca envelhece. (N. T.)

das suas paixões se goraram? Por vezes, enquanto caminho ou estou sentada a meditar, penso em todas as relações amorosas confrangedoras que este planeta tem absorvido. Felizmente, homens e mulheres de todas as partes do mundo têm-nos deixado inúmeros testemunhos das suas vidas românticas.

De Uruk, na antiga Suméria, chegaram-nos poemas em tabuinhas de escrita cuneiforme que exaltam a paixão de Inanna, rainha dos Sumérios, por Dumuzi, um jovem pastor. «Meu amor, deleite dos meus olhos», gritava-lhe Inanna há quatro mil anos².

Os *Vedas* e outros textos indianos, os mais antigos que datam de entre 1000 e 700 a. C., falam de Xiva, o mítico Senhor do Universo, que estava apaixonado por Sati, uma jovem indiana. O deus cismava que «vira Sati e ele próprio no pináculo de uma montanha / unidos num amplexo amoroso³».

Alguns nunca alcançariam a felicidade. Assim aconteceu com Qays, filho de um chefe tribal da antiga Arábia. Uma lenda árabe do século VII d. C. conta que Qays era um rapaz lindo e brilhante — até que conheceu Layla, que significa «noite», nome derivado do seu cabelo negro-azeviche⁴. Qays estava tão inebriado que um dia saltou da sua cadeira na escola e correu pelas ruas gritando o nome dela. Desde então, passou a ser conhecido por Majnun, ou seja, louco. Em breve, Majnun passou a andar à deriva com a areia do deserto, a viver em cavernas com os animais, cantando versos à sua amada, enquanto Layla, enclausurada na tenda do irmão, se evadia à noite para lançar ao vento mensagens de amor. Viantantes complacentes levariam essas súplicas ao jovem poeta seminu de cabeleira selvagem. A sua mútua paixão acabaria por levar à guerra entre as respectivas tribos — e à morte dos amantes. Esta lenda é tudo o que resta.

Também Meilan sobreviveu através da morte. Na fábula chinesa *A Deusa de Jade*, do século XII d. C., Meilan era a filha mimada, de quinze anos de idade, de um oficial de alta patente em Kaifeng — até que se apaixonou por Chang Po, um jovem rapaz de longos dedos afilados e grande habilidade para esculpir o jade. «Desde que o céu e a Terra foram criados, tu foste feita para mim e eu fui feito para ti e não te deixarei escapar», declarou Chang Po a Meilan uma manhã, no jardim da família dela⁵. Estes dois amantes, porém, pertenciam a diferentes classes da rígida ordem social hierárquica da China. Desesperados, fugiram juntos, mas depressa foram descobertos. Ele escapou. Ela foi queimada viva no jardim do pai. Mas a história de Meilan ainda assombra as almas de muitos chineses.

Romeu e Julieta, Páris e Helena, Orfeu e Eurídice, Abelardo e Eloísa, Troilo e Créssida, Tristão e Isolda: milhares de poemas, canções e histórias românticas chegam-nos através dos séculos, da ancestral Europa como do Médio Oriente, do Japão, da China e da Índia, e de todas as civilizações que deixaram registos escritos.

Mesmo os povos dos quais não existem documentos escritos deixaram testemunhos dessa paixão. Com efeito, num levantamento de 166 culturas várias, os antropólogos encontraram testemunhos do amor romântico em 147, ou seja, em quase 90% das mesmas⁶. Nas 19 comunidades restantes, os cientistas simplesmente não analisaram esse aspecto da vida desses povos. Mas, desde a Sibéria ao interior rural australiano ou à Amazónia, as pessoas cantam canções de amor, compõem poemas amorosos e contam mitos e lendas de amor romântico. Muitos praticam a magia amorosa — usando amuletos e talismãs ou servindo condimentos e preparados para estimular o ardor romântico. Muitos fogem com a pessoa amada. E muitos sofrem atrozmente por amor não correspondido. Alguns matam os seus amantes. Outros suicidam-se. Muitos mergulham numa mágoa tão profunda que mal conseguem comer e dormir.

Da leitura dos poemas, canções e histórias de pessoas de todo o mundo, concluí que a faculdade do amor romântico se encontra solidamente urdida no tecido do cérebro humano. O amor romântico é uma experiência humana universal.

O que vem a ser este sentimento volátil, quase sempre incontrolável, que nos assalta a mente, trazendo-nos num momento a felicidade e no seguinte o desespero?⁷

O Inquérito sobre o Amor

«Oh, digam-me a verdade sobre o amor», exclamava o poeta W. H. Auden. Para compreender o que esta profunda experiência humana de facto implica, consultei a literatura psicológica sobre o amor romântico, seleccionando os traços, sintomas e situações que eram repetidamente mencionados. Sem surpresa, concluí que este sentimento poderoso é uma combinação de vários traços específicos⁸.

Depois, para me certificar de que essas características da paixão romântica são universais, usei-as como base para um questionário que elaborei sobre o amor romântico. E, com a colaboração de Michelle Cristiani, então estudante na Universidade de Rutgers, bem como dos Drs. Mariko Hasagawa e Toshikazu Hasagawa, da Universidade de Tóquio,

distribuí esse inquérito por homens e mulheres na Universidade de Rutgers e à volta dela, em Nova Jérсия, e na Universidade de Tóquio.

A recolha de dados começava assim: «Este questionário é sobre “estar enamorado” — a sensação de estar seduzido, de estar apaixonado, ou de estar sentimentalmente muito atraído por alguém.

Se neste momento não está “enamorado” de ninguém, mas se se sentiu muito apaixonado por alguém no passado, por favor responda às perguntas *com essa pessoa no pensamento*». A seguir, os participantes encontravam várias perguntas de natureza demográfica, incluindo idade, situação financeira, religião, grupo étnico, orientação sexual e estado civil. Também fazia perguntas acerca das suas relações amorosas, entre as quais: «Há quanto tempo está apaixonado?»; «Qual é mais ou menos a parte percentual de um dia típico em que essa pessoa lhe ocupa os pensamentos?»; e «Sente-se, por vezes, como se tivesse perdido o controlo dos seus sentimentos?»

Depois vinha o corpo do questionário (ver Apêndice). Continha cinquenta e quatro afirmações, do género: «Tenho mais energia quando estou com ____». «O meu coração acelera quando ouço a voz de ____ ao telefone». E «Quando estou nas aulas/no trabalho o meu pensamento divaga para ____». Formulei todas estas perguntas para que reflectissem as características mais comumente associadas ao amor romântico. Pedia-se às pessoas que indicassem até que ponto concordavam com cada questão, numa escala de sete pontos que ia de «discordo fortemente» a «concordo fortemente». Um total de 437 americanos e 402 japoneses preencheram o questionário. Em seguida, os estatísticos MacGregor Suzuki e Tony Oliva reuniram todos esses dados e submeteram-nos a uma análise estatística.

Os resultados foram espantosos. Idade, sexo, orientação sexual, filiação religiosa e grupo étnico: nenhuma destas variantes humanas fez grande diferença nas respostas.

Por exemplo, pessoas de diferentes grupos etários responderam, sem diferenças estatísticas significativas, a 82% das afirmações. Pessoas com mais de quarenta e cinco anos manifestaram estar tão apaixonadas pelo ser amado como as de idade inferior a vinte e cinco. Heterossexuais e homossexuais deram respostas semelhantes a 86% das perguntas. Em 87% das questões, homens e mulheres americanos deram respostas praticamente idênticas: houve poucas diferenças entre sexos. «Branços» e «outros» americanos responderam de modo similar a 82% das perguntas: a raça quase não desempenhou qualquer papel no fervor romântico. Católicos e protestantes não apresentaram variações significativas em 89%

das afirmações: a filiação religiosa não foi um factor. E quando estes grupos apresentaram diferenças «estatisticamente significativas» nas suas respostas, em geral um dos grupos mostrava-se apenas um pouco mais apaixonado do que o outro.

As maiores diferenças registaram-se entre americanos e japoneses. Na maior parte das quarenta e três perguntas em que apresentaram variações estatisticamente significativas, uma das duas nacionalidades exprimia, simplesmente, uma paixão romântica um pouco maior. E as doze perguntas que evidenciaram diferenças acentuadas pareciam ter todas justificações culturais óbvias. Por exemplo, apenas 24% dos indivíduos americanos concordaram com a afirmação «Quando estou a falar com _____, muitas vezes tenho medo de dizer algo errado», enquanto uns colossais 65% de japoneses concordaram com essa declaração. Suponho que esta variação específica ocorreu porque os jovens japoneses, de modo geral, têm relações menos frequentes e mais formais com o sexo oposto do que os americanos. Assim, considerando todos os factos, nestas duas comunidades tão diferentes, homens e mulheres mostraram-se muito semelhantes nos seus sentimentos de paixão romântica.

Amor romântico. Amor obsessivo. Amor apaixonado. Atração. Chame-se-lhe o que se quiser, homens e mulheres de todas as épocas e de todas as culturas têm sido «enfeitiçados, importunados e desconcertados» por essa força irresistível. Estar enamorado é algo que abrange toda a humanidade; faz parte da natureza humana⁹.

Além disso, essa magia visita cada um de nós de maneira muito semelhante.

«Significado Especial»

Uma das primeiras coisas que acontecem quando nos apaixonamos é que experimentamos uma mudança impressionante na nossa consciência: o nosso «objecto de amor» adquire aquilo a que os psicólogos chamam «significado especial». O ser amado torna-se original, único e da maior importância. Como um homem apaixonado o expressou numa frase, «Todo o meu mundo se alterara. Tinha um novo centro, e esse centro era Marilyn¹⁰». O Romeu de Shakespeare exprimiu esse sentimento de modo mais sucinto, dizendo, da sua adorada, «Julietta é o Sol».

Antes que a relação evolua para amor romântico, podemos sentir-nos atraídos por várias pessoas diferentes, dirigindo a nossa atenção ora para uma ora para outra. Mas, por fim, começamos a concentrar a nossa